

VER EM ESTE NUMERO: As curas mara-
das pelos processos de enxertos do Dr. Vo-
sultado do Grande Concurso de Fotografia, pa-

vilhosas obti-
ronoff, e o re-
ra amadores.



o "Noticias.. ilustrado"
- EDIÇÃO - SEMANAL - DO -
"DIÁRIO DE NOTÍCIAS.."

ANO I—SERIE II—N.º 4

O NOTICIAS ILUSTRADO

LISBOA, 1 DE JULHO DE 1928

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DA EMPRESA DO «DIARIO DE NOTICIAS». SÊDE: RUA DIARIO DE NOTICIAS, 78—LISBOA—TELEFONE T. 821—TELEGRAMAS: NOTICIAS-LISBOA—OFICINAS GRAFICAS: OCOGRAVURA, LIMITADA, RUA D. PEDRO V, 18,—TELEFONE 631 N.—LISBOA

PREÇOS DE
ASSIGNATURA

6 MEZES 12 MEZES
Portugal Continental e Insular 35\$00 70\$00
Ultramar 30\$00 70\$00
Espanha 38\$00 70\$00
Brasil 43\$00 80\$00
Outros países 50\$00 100\$00

Portugal Continental e Insular 70\$00
Ultramar 70\$00
Espanha 70\$00
Brasil 80\$00
Outros países 100\$00

24 PAGINAS

Numero avulso 1\$50

DIRECTOR: — LEITÃO DE BARROS

EDITOR: — ANTONIO DAS NEVES CARNEIRO

DIRECTOR-GERENTE: — CAROLINA HOMEM CHRISTO

Estabelecimento hidrologico de Salus-Vidago

Tratamento e cura das doenças
do estomago, rins, ligado, intesti-
nos, diabetes, etc.

SALUS - HOTEL (VIDAGO)

Aberto desde 1 de Julho

O mais confortavel dos hotéis. Todos
os requisitos modernos. Agua enca-
nada em todos os compartimentos.
Excelentes quartos. Optima cosinha,
geral e dietetica.

DIARIAS DE 25\$00 A 60\$00

Pedir informações á ge-
rencia do Salus-Hotel

COMPANHIA PORTUGUESA DAS AGUAS SALUS (Vidago)

Rua de S. Julião, 168—LISBOA

TELEF. C. 2688—APARTADO CORREIO 285

P. A. GALAPITO FARMACEUTICO

41, R. Eugenio dos Santos, 43—LISBOA

TELEFONE N. 5105

ARMAZEM DE PRODUTOS QUIMICOS E ESPE-
CIALIDADES FARMACEUTICAS NACIONAIS E
ESTRANGEIRAS.—ARTIGOS DE BORRACHA E
UTENSILIOS PARA LABORATORIOS E CIRURGIA.
—FORNECIMENTOS COMPLETOS PARA FAR-
MACIAS E HOSPITAIS.—PRODUTOS ESTERILI-
SADOS EM AMPOLAS, ETC.

IMPORTAÇÃO DIRECTA DOS PRINCIPAIS
FABRICANTES

Os melhores sabone-
tes e perfumes e os
mais baratos
“COLGATE”



AGENCIA GERAL:
75, RUA DA CONCEIÇÃO, 1.º



A MELHOR DE
TODAS

AGUAS RADIUM

PURIFICAM O SANGUE
NAS DOENÇAS DE

Figado, Rins, Estomago, Coração, doenças da pele e todas as manifestações de artrismo

Estabelecimentos ALVARO CAMPOS - L.da do Chiado, 12

MUSICAS E PIANOS



ERNST KRAUSSE

Gramofones, discos de
todas as marcas, ins-
trumentos de banda e
orquestra, accesorios.
Enviam-se pedidos á
cobrança.

TELEFONE T. 899
sempre novidades
SOARES & VIA-
NA, LIMITADA



48, RUA DO LORETO, 50—LISBOA

Bilhetes Pos- taes Ilustrados

FAZEM-SE PARA TODO O
PAÍS. COMPETE-SE COM O
MELHOR DO ESTRANGEIRO
PEDIR ORÇAMENTOS
OCOGRAVURA, LIMITADA

RUA DE D. PEDRO, V 18



MOVEIS E
ESTOFOS
AO CONFORTAVEL
DE NASCIMENTO
PIEDADE

Telef. N. 3958 — Rua da Palma 109 a 115 LISBOA

Saber economizar é saber enriquecer

Este é um dos tipos de cofre que temos á disposição do publico para conseguir este fim.

Pedir esclarecimentos a

A. Piano Jr. & C.ª



Banqueiros: R. do Ouro, 95-99—L. do Corpo Santo, 31-32—LISBOA—NO PORTO: R. 31 de Janeiro, 221



Como ele é adorável assim!

Bébé enebriado de sol e ar livre, salta contente, rola-se na relva, depois entrega-se a um dos seus "grandes" desgostos infantís que subitamente se transformam em louca alegria.

Bébé só ficará Bébé nas vossas fotos "Kodak"

Mamã, depressa!... um "Kodak", ele vos dará dia a dia preciosas fotografias cheias de vida, que mais tarde, quando o vosso encantador filhinho já não fôr um Bébé, reverseis com agrado.

Poucos minutos bastam para aprender o manejo de um "Kodak".

Para escolher o vosso "Kodak".

Em qualquer boa casa de artigos photographicos, vos mostrarão com prazer o seu completo sortido de "Kodaks" para todas as algibeiras, e vos ensinarão, em poucos momentos, como obterdes boas fotografias desde o inicio. Pocket "Kodaks", desde 265\$, "Brownies" de Caixa, desde 65\$.

Kodak Limited, 33, Rua Garrett, Lisboa.



MASON

Pneu preferido quando experimentado.

Agentes geraes:

A. R. Garcia, L.ª
ENGENHEIROS
113, Avenida Duque de Loulé, 115
L I S B O A
Telegr. «Arcia» Telef. N. 5.77

A EVA

É A MAIS BEM FEITA E COMPLETA REVISTA FEMININA PORTUGUESA. DIVERTE, INSTRUE, ACONSELHA. É A ÚNICA QUE DÁ

MODELOS ORIGINAIS, COM EXCLUSIVO, QUE EXPRESSAMENTE MANDA DESENHAR A YVETTE, UM DOS MAIORES NOMES DA ALTA COSTURA PARISIENSE. **A EVA** É A MAIS MODERNA, A MAIS ELEGANTE, A MAIS PRÁTICA E UTIL REVISTA FEMININA. □ □ □ □

INSERE SEMPRE: Artigos literários, em prosa e em verso, magníficas illustrações, figurinos de vestidos e chapéus, a ultima palavra do *chic* parisiense; debuxos artisticos; receitas de utilidade e escolhidas iguarias; noticias de arte, theatros, vida elegante, etc. Cada número contém *coupons* que dão direito a importantes descontos em artigos de todo o género.

O mais vasto sortimento de artigos KODAK e aos preços da fabrica, encontra-se na

CASA JULIO WORM

LISBOA
135, RUA DA PRATA, 137
TELEF. C. 3365

PORTO
PALACIO DE «A NACIONAL»
P. DA LIBERDADE

Todas as encomendas são expedidas na volta do correio

O Auto das Quatro Estações

Por Antonio Correia d'Oliveira

Reedição revista pelo autor

à venda em todas as livrarias



DRAMA EM 9 PARTES

PRODUÇÃO DE VICTOR FLEMING
EXTRAIDA DA OBRA DE ARTHUR TRAIN

COM

LOUISE DRESSER, ESTHER RALSTON,
JACK HOLT E ERNEST TORRENCE

Nº 5. LUIZ CINE





NESTE interessante filme da Paramount o acaso, esse grande arrumador das coisas, faz, através de um complicado enredo, com uma nota simples, clara e verdadeira, a revelação da única prova da salvação para uma inocente. E essa prova, da forma como se apresenta, depois de mil emoções passadas, vividamente, através de todo o conflito do filme, toma o aspecto de uma vontade vinda do outro mundo, misteriosamente.

A Deusa da Justiça é um dos filmes americanos onde a par da grande emotividade, se chocam as paixões, e a verdade surge esplendorosa, na máxima dignificação do seu alto sentido.

Assim como que simbolizando a justiça imamente, surge no momento único, a única prova que poderá salvar uma inocente. É voz de Deus na recordação de uma voz humana, gravada por acaso num aparelho eléctrico.



ASPECTOS DA VIDA



NADANDO DE COSTAS DURANTE A AULA DE NATACÃO EM UMA MODERNA ESCOLA ALEMÃ.—APÓS O ALMOÇO A CAMINHO DE VIENNA NO SALÃO-RESTAURANTE DO NOVO AVIÃO DE TREZ MOTORES QUE ACTUALMENTE FAZ CARREIRAS ENTRE BERLIM E VIENNA.—(Fotos «Woche»).

COMO pequeno burguês enriquecido no comércio, o que Libório Caldeira mais apreciava neste mundo era a própria comodidade. Por isso, ao chegar à estação, felicitou-se de que ainda faltassem, para a hora regulamentar, uns vinte minutos. Assim poderia escolher o «vagon» que melhor lhe conviesse, instalar-se amplamente, costas viradas à locomotiva, e preparar até o improvisado leito para a noite. Pois é verdade: teria de passar a noite naquele comboio rápido, ele, tão acostumado ao seu bem estar, ao fôfo da poltrona pelo serão, lendo até aos anúncios os dois quotidianos que o marçano trazia na volta do armazem; depois vinha-lhe o sono, cabeceava o seu bocado; a mulher servia-lhe a sua chicara de chá com torradinhas, e logo se recolhiam ao seu quarto—um vasto quarto alumiado a luz eléctrica, em que brilhavam todos as missangas, como durante tantos anos ele os sonhara! Que grande estopada passar uma noite no rápido! Mas quê, para só ficar um dia no Porto, antes queria chegar de manhãzinha.

Lá deixar a mercadoria às mãos dos rapazes, isso não! E o negócio a tratar com o compadre poucas horas levaria...

Deu o sinal. Já a corneta soou e a máquina sopra. Libório está só no seu compartimento: ainda bem! Mas quando num avanço as rodas se despegam dos carris, saltam para o estribo dois homens, que entram precipitadamente. Adeus, ó acariciado «á vontade»! O rápido só parando no Entroncamento, Libório até aí não poderá espreguiçar-se, estender-se sem cerimónia, resonar... Resonar? nem sequer deixar-se dormir! A gente sabe lá quem são os nossos vizinhos nos comboios?! Exactamente, aqueles dois nem por isso tinham muito cara de cristãos: Um, alto, magro—lembrando um galgo á procura dalgum osso—uma melena a cair-lhe para os olhos; sem barba, sem bigode, o olhar incerto... O outro, gordo e baixo, sempre a rir—com um risinho abafado e sacudido nos grossos belços brutais—e uns olhinhos como que talhados á faca em repolhudo rosto, cheio de sombras azuis na proeminência do queixo e bojez das faces.

Lembrava-lhe... uma vez, em calmosa tarde que fazia mais raros os freguezes, entretivera-se Libório a decifrar uma das folhas do maço, que no balcão servia para embulhar as especírias. Era qualquer coisa sobre os criminosos, escritos dum medico, por certo. Lá vinha dito, que pelas feições e mais pelo feitio das orelhas—ele já lhe não lembrava bem—que se podia, enfim, conhecer os assassinos e os ladrões, só de olhar para eles. E falava de boca grossa, isso falava... E se aqueles dois homens fossem dois criminosos?! O trajar? Mal vestidos ambos, sim: assim com ares de quem quere parecer bem, mas fôto coçado, cheias de vincos as calças, nos joelhos... Um deles, o alto e magro, nem sequer trazia gravata, mas um lenço de seda preta já sem brilho:—que maneira de vestir aquela! Sim, aquillo não era gente séria, deviam viver de expedientes, eram talvez aventureiros...

Um furioso e prolongado apito da locomotiva annunciou que o rápido atravessava os claros Ollvais, salpicados de luzinhas.



Um crime no rápido do Norte

por JOÃO DA HAYA

Resoou a ponte num formidável «tam-cam-pam» metálico; e o monótono «pouca terra-pouca terra» voltou, galgando vilas, aldeias, gelras onde se avistavam, ao luar nascente, os encurvados ribeiros como tiras de prata...

—O 2 é que são elas—dizia baixo ao outro um dos desconhecidos,—o 1 já lá vai... está feito. Mas o 2!

—E' verdade que a gente—acrescentou baixando mais a voz—a gente inda tem umas horas para tratarmos «da coisa», combinar tudo... Olha, aqui no comboio, o melhor é...

Mas Libório, por mais esforços que fizesse para ouvir, não conseguia perceber o resto. E os dois continuaram por alguns minutos conversando em voz baixa. Que estavam eles combinando?

Libório puxou do relógio: meia noite e trinta e cinco. Meia noite! A hora dos crimes! Mas, afinal, aquillo também era nervoso: os homens poderiam muito bem ser boa gente: o gordo, visto com atenção—e olhava-o ás furtadelas—nada tinha de extraordinário, talvez fôsse até um bonacheirão. E o magro?—o magro não pare-

cia bom, não: tinha qualquer coisa de sinistro ao olhar um pouco vêsgo...

Que sono, santo Deus! Fechavam selhe os olhos, irresistivelmente. Mas era mais prudente não dormir. Pelo sim, pelo não... Os jornais relatavam a miude crimes cometidos nos comboios: roubos, assassinatos, etc... Um calafio fez-lhe escancarar os olhos. Passaram as luzes baças duma estação. Qual? Nem se soube: surgiu e desapareceu na vertigem da velocidade... A estas horas, estava tudo a dorm'r, lá em casa. Que aincelas fariam os marçanos, amanhã? Esquecer-lhes-fa a remessa do grão, o assucar a trazer da alfândega?

—Olha! Em vez do punhal, eu achava melhor outra arma, sabes?...

Libório deu um pulo. Um punhal?! Outra arma? O que era aquillo, santo Deus?! Abriu muito os olhos, fixou os dois desconhecidos que na sua frente prosseguiam em voz mais baixa... Não, aquillo fôra uma alucinação. Eles estavam tão serenos, tão naturais! O gordo sorria até...

O diabo leve os sustos! Isto duma pessoa começar a matutar em crimes, até traz pesadelos. Sim, aquillo fôra algum pesadelo, ele já estava quasi pegado no sono

resistivelmente, os olhos fechavam-se-lhe. Um dia de estopada, aquele! Pela manhã, tó'a á Alfândega, depois ordenára tudo na loja, filára ao socio, repreendêra os marcanos, preparára a mala, uma mala de mão, só com o indispensavel. E antes de embarcar, inda dêra uma saltada até ao Pires, se queria alguma coisa lá para cima...

E num vago succeder de imagens c'da vez mais imprecisas, pestanejou duas ou três vezes ainda; a retina dormiente fixou novamente os dois desconhecidos: o magro á direita, ossudo e vêsgo; o gordo sorrindo—afinal era um bom homem!—a bater, com a mão sapuda, uma alegre marcha no fecho da sua mala de mão, posta ao lado,—via o fecho a luzir na meia luz do vagão: o magro corréra o quebra luz verde para a noite (já lhe fa dando o sôno, também, ao que parece!); e o pontinho de luz no metal do fecho, e o sorriso do homem gordo, e os hombros angulosos do outro; e o zum zum da marcha lncesante do comboio; e a mercetaria, e a muher, e os marcanos, tudo se confundiu no cerebro «emmaranhado» de Liborio,—e adormeceu de todo.

Haveria umas três horas talvez que Liborio adormecera, quando, no seu sôno inquieto, distintamente ouviu o ruído sinistro dum gem'do, quasi dum estertor. Despertou sobressaltado. Os olhos ainda velados de sôno, quis olhar, ver o que se passava. Mas, no primeiro momento, não viu nada. Vagamente recordou-lhe ter adormecido no comboio.

Tivera sem duvida um sonho, um pesadêlo. Lembrava-lhe que havia dois homens no mesmo compartimento em que ele se encontrava. E nisto, dissipando-se lhe dos olhos aquela névoa do sôno, pareceu-lhe distinguir, na sua frente, dois vultos contorcendo-se—e de novo um gemido resocou aos seus ouvidos, como a súplica desesperada dum agonisante. Escancarou os olhos. Sim, ali, defronte dele, dois homens lutavam: um, deitado na banqueta, os olhos esbugalhados; com os pulsos tentando em vão soltar do pescoço a mão que o queria estrangular, escabujava, talvez já nas ultimas convulsões. Era o gordo, sim! Liborio reconhecia o homem gordo, que afinal parecia um bom homem. E o outro—o magro!—de pé, debruçado

sobre a sua vilma, ameaçava-a—com quê, Senhor?!—com um punhal! Um punhal... A' luz baça do candelero, Liborio distinguia agora perfeitamente o falcscar da lâmina estreita. Horror! Aquele homem era um assassino!... A seu lado, a mala—aquella mala que pertencia ao homem gordo—estava aberta, revolvida... Roubára o, e como se visse surpreendido, lá matá-ol... —Miseravel!—rouquejou a vítima, revolvendo-se desesperadamente na ância da libertar-se.

—Hís de morrer!—clamou o outro, o aspecto feroz.

Liborio julgou enlouquecer:

Não, não era um pesadêlo; esfregou os olhos, reconhecia-os perfeitamente: «eram eles!» Uma vítima, e um assassino! E ele, Liborio, não podia deixar matar, assim, na sua presença, sem tentar salvar aquele bom homem, um burguez honrado como ele, uma vítima indafaza. Mas como? Ele, Liborio, era gordo e apoplectico—como lutar, defender, vencer aquele doído armado, aquele facinora? Na mente horrorizada de Liborio, tudo aquillo perpassou em menos dum segundo...

E uma ideia salvadora, uma ideia, surgiu de repente, naquella escuridão em que o seu cerebro se debatia. tal numa noite de trevas surge a deslumbante luz duma falsa. Uma ideia: «A campanha de alarme!» A' a palpádelas, procurou a, sentiu debaixo dos dêdos—enfim!—o botão trememente, carregou com desespero, carregou mais... Oh! Meu Deus! Conquanto não tivesse sido escangalhada!

Ali, na sua frente, a luta prosseguia, horrível: a lá nina falcscante do punhal descia... Cada miléssimo de segundo parecia a Liborio uma hora escoada lentamente.

—Covarde! A apunhaler um homem sem defeza!—gaguejava a desdita vilma, a voz a mais e mais enfraquecendo, os olhos saídos já das orbitas.

E o comboio não parava. Senhor!

O assassino, o magro, apresentava um aspecto horrendo: as maxillas proeminentes, a boca torcida numa risada atroz de cinismo. Liborio, instintivamente, recuava, fazia-se pequenino na sombra do seu canto.

E o comboio não parava! De novo, a tremer, carregou na campanha...

Sim, agora parecia-lhe que o andamento abrandava... o comboio fa parar... o comboio val parar. Louvado seja Deus!

Então, Liborio atreve-se. Enche-se de ânimo. Dá um passo em frente; agarra com pulso forte o pulso do assassino, grita-lhe na face: «Canalha!» Mas o facinora revira-se para ele, clama-lhe: «Largue-me! Largue-me, já lhe disse!» Liborio sente as pernas a vergarem-se-lhe; intimamente, insulta-se a si proprio para ter coragem, valentia. Que diabo, ser homem! E não larga. O comboio pára, enfim! Ouvem-se vozes, perguntando no silencio da noite: «O que é? O que há?» Gente desce e acorre. Então Liborio, sacudido brutalmente pelo assassino, precipita-se á portinhola, grita, chama:

—Socorro! Socorro! E' aqui! Assassina um homem! Socorro!

Um facho apparece no rectângulo escuro da portinhola. Esta é aberta, violentamente. O condutor do comboio, dois guardas republicanos surgem, com gente atraz,

passageiros sem dú vida, estremunhados de sôno, e que a súbita paragem e os gritos acordaram espavoridos. Todos indagam: «O que é? O que foi?»

Liborio, mudo de terror, aponta o criminoso. No banco, a vítima ergue-se a custo, ciegante, compondo o colarinho que os dêdos do outro amachucaram ao apertarem-lhe o pescoço. O assassino (de certo surpreso por ter sido apanhado em flagrante, pois contára com o pesado sôno de Liborio), o assassino não oferece resistencia aos guardas, deixa-se prender, olha para todos, entre atônio e contrariado...

Liborio, então, tenta explicar o succedido; a custo a voz sai-lhe das gúelas secas; as mãos tremem-lhe, como as pernas. Mal acredita ainda ter escapado a tão grande perigo.

Entretanto, a vítima—o homem gordo—tira da algibeira uma carteira, mostra aos guardas, uns papels—decerto para estes poderem estabelecer a sua identidade—e, agarrando no punhal que esteve prestes a varar-lhe o coração, entrega-o aos guardas, falando muito depressa. Caso curioso: em vez de parecer dar-se por muito feliz, por ter, graças a Liborio, escapado a tão trágica morte, a vítima apresenta um ar muito aborrecido.

O guarda examina atentamente a arma—o punhal—«Dá-me licença, senhor guarda?»—pregunta a vítima, estendendo a mão para a arma. Então, aos olhos estupefactos de toda aquella gente, a vítima—o homem gordo—segurando no punhal pelas extremidades, levemente, sem um esforço, dobra-o e parte-o em dois bocados. Depois, sorrindo, apresenta esses dois pedaços aos guardas, pronunciando as seguintes palavras:

—«Queiram verificar que é de papelão, recoberto por papel prateado.»

O assassino—o homem magro—acrescentou:

—«Queira perdoar, meu Senhor, «a gente» não queria assustar... Era só repetir o segundo acto do «Amor fatal» que levamos amanhã no Porto...

Depois, virando-se para os circunstantes, ofereceu:

—Se Vv. Ex.^{as} ficam na cidade e quiserem assistir, temos aqui umas cadeiras, fauteuils ou camarotes...

JOÃO DA HAIA



—Tarda muito o comboio das oito e cinquenta?
—Não, mas não se impaziente! Aquele cavalheiro que está ali, ainda espera o de ontem da mesma hora...



—Em vista de estares em casa ha quinze anos, passas a ser tratada como familiar! Daqui em diante não te humilbaremos mais dando-te ordenado!

FIGURAS QUE PASSAM

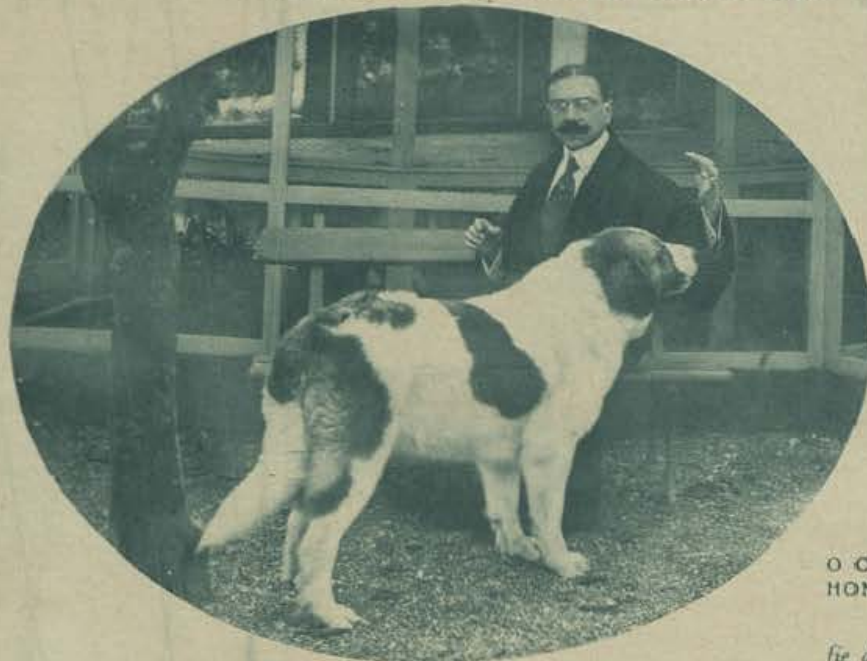
DR. JOSÉ SOARES DA CUNHA E COSTA

Orador dos maiores que tem havido em Portugal, o dr. Cunha e Costa, que a Morte acabou de ceifar, interveio num grande numero de julgamentos sensacionais, entre os quais o do incendio da Madalena, defendendo o réu Fernandez; o crime de Serrazet, acusando os réus; o crime do ourives Fraga, acusando o réu; a morte de Porfirio José do Rego, acusando também.

Nos tribunais militares defendeu grande numero de politicos monarchicos, entre os quais o sr. dr. Carlos Lopes. O ultimo grande processo em que interveio foi o do Angola e Metropole, defendendo Alves Reis. As suas minutas referentes a este sensacional caso são verdadeiras lições de jurisprudencia.

O dr. Cunha e Costa, que possuia a Legião de Honra, era socio da Arcadia Romana e da Academia de Sciencias de Lisboa e pertencia ao Conselho Geral da Ordem dos Advogados, fez, durante a sua larga carreira conferencias e artigos, sobre assuntos á margem do fóro, que ficaram na memoria de todos pela sua beleza ou pela sua ironia admiravel.

A conferencia «Le Portugal et les Alliés», pronunciada na «Société de Géogra-



O ILUSTRE CAUSIDICO NUM DOS SEUS RAROS MOMENTOS DE DESCANÇO, BRINCANDO COM UM AMIGO DE SEMPRE.



O GRANDE ADVOGADO E ORADOR QUE TANTAS VEZES HONROU COM O SEE BRILHANTE TALENTO O NOME DE PORTUGAL.

fie de Paris» e que Maître Henri Robert, antigo «batonnier» da Oordem dos Advogados de Paris prefacionou; o elogio do (CONTINUA NA PAGINA 11)

ILDA STICHINI REAPARECE NUM PALCO DE LISBOA



Ilda Stichini —voz de fonte mansa, que é fonte da maior emoção—, voz de regato limpo onde cabem todas as tempestades e todos os aspectos inocentes de certas marés soalhentas, reaparece em Lisboa, depois duma longa digressão pelos mais categorizados palcos da provincia.

Ilda Stichini, actriz de processos modernos, cheia de segura intuição de qual seja o único ritmo dramático que pode acertar-se á cadência dos corações contemporâneos, pertence á geração que sabe de cor todos os nomes e biografias dos «azes» de cinema. E' uma (Con nuação na pág 14)



OS PREMIOS DO NOSSO GRANDE "CONCURSO DE FOTOGRAFIA"



As 3 fotografias premiadas em o nosso GRANDE CONCURSO

- 1.º PREMIO—Legenda: ALMEIRIM-PALACE—Ex.^{mo} Sr. Francisco de Lacerda e Melo—Paredé.—2.º PREMIO—Legenda: TIPO REGIONAL—BATALHA—Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Victoria de Castro.—Rua de Alcantara, 4, 3.º E., Lisboa.
3.º PREMIO—Legenda: HEROIS IGNOTOS—Ex.^{mo} Sr. Carlos D. Rego—Calçada da Ajuda, 123, 2.º, Lisboa.



ecos, notícias e curiosidades

Quem será?

NO penúltimo número da Ilustração Francesa encontramos um belo artigo sob o título "Um paraíso infernal", onde se historia tudo o que respeita à fundação, desenvolvimento e estado actual do modelo de depósito de leproso que o Governo Inglês estabeleceu na ilha de Copenhague, no golfo de Paris, perto da grande ilha da Trindade e da costa da Venezuela.

Nesse «paraíso infernal» vagavam, entre os desgraçados que apodrecem de dia para dia, vinte vultos brancos, vinte mulheres que, sem pensar no perigo do contágio, prontas a morrer no seu posto, como soldados do Maior Chefe, são a única e doce consolação dos miseráveis leproso.

São vinte dominicanas do convento estabelecido na ilha da Trindade. Dessas vinte mulheres heróicas, quinze são francesas, duas polacas, uma inglesa, uma alemã e uma... portuguesa! Quem será? Quem será a embalsamadora da alma sofrida de Portugal junto da metrópole do Sofrimento? Quem será essa lranzinha dos pobres que não têm direito a transitar pelos caminhos da sua pátria e têm valor para seguir pelo caminho mais negro, entre as de fantasmas carcomidos, em direcção à pátria dos bem aventurados? Quem será?

A boa justiça

AINDA há boa justiça, louvado Deus! Uma doce consolação nos invade a alma, quando lemos a notícia de certo julgamento realizado na Boa Hora e em que eram partes: dum lado, uma família inteira, uma família respeitável e das crianças de três e quatro anos; do outro lado um senhorio malcriado e avarento. Fora o caso que as duas crianças «roubaram» duas peras verdes, no quintal do senhorio, que, não aceitando desculpas nem indemnizações, levou a questão para o tribunal.

O «bondoso» cavalheiro foi condenado a pagar as custas do processo. Foi pouco talvez. Para tão momentoso caso jurídico, devia ter-se inventado um código novo, onde coubesse uma lei... e peras, contendo um artigo humorístico que obrigasse o juiz a mandar o queixoso comer duas peras...

Miss Pankhurst

PARECERÁ tardio, extemporâneo, este comentário. A combativa sufragista inglesa repugna, há mais de um mês, em qualquer manso cemitério londrino. Mas nunca é tarde para umas palavras de justiça. Miss Pankhurst, levada pelo seu amor a uma grande causa social, praticou alguns excessos. Mas o seu nome era, já há anos, considerado, em Inglaterra, como o duma mulher de excepcionais dotes de inteligência e de carácter. Os próprios po-

sílicos conservadores reconheceram a justiça da sua causa. Foi célebre em Inglaterra, pelo bem que fez às mulheres suas compatriotas. Foi célebre, em todo o mundo, pelos excessos que cometeu, no período da mais aceta propaganda.

Mas encerrar, a sua personalidade apenas através dos episódios em que ela se revelou sob um certo prisma ridículo, é manifestar um faccionismo e uma inculcatura imperdoáveis. E, pouco mais ou menos, o mesmo que conhecer Bocage apenas através das anedotas carvaescas a que o seu nome anda associado.

De resto, Miss Pankhurst, nem mesmo depois de morte, precisa de quem a defenda. Basta-se a si própria. A melhor prova de que, através de tudo, ela foi bem «mulher» — não na acepção mais nobre e elevada — é uma prova fotográfica: é o seu próprio retrato que dezenas de jornais e magazines agora reproduzem. Tinha uma fronte serena, um olhar limpo e tranquilo, uma expressão um pouco sofrida, como a de quem nasceu não com o fito de descontinuar prazeres próprios mas de remediar injustiças alheias.

Máquina genial

O Observatório Meteorológico de Washington estabeleceu, nos arredores da cidade uma máquina de estranho aspecto destinada a fabricar vento, a produzir sendo no estário, pequenos furacões. Os velhos ódios onde Eolo tinha presos os ventos e que, de vez em quando, eram abertos pelo Deus, com o malévolo propósito de provocar tempestades, passaram de moda, decididamente. Eolo é agora um senhor engenheiro americano.

Como seria esplêndido mandar comprar, à América, umas tantas dessas máquinas geniais. Colocar uma no meio do Terreiro do Paço, à hora do meio-dia, mesmo no meio dum destes dias caniculares em que o suor escorre em fio e em que arde o bronze da estátua equestre! Entomendem-se as máquinas geradoras de vento! Não se preocupem com o risco de que «quem semela ventos... Não se preocupem com a ideia de que nos chamem «cabeças no ar»; cheias de ideias «frescas»! Arranje-se uma máquina geradora e instale-se na em Lisboa, antes da chegada do poeta Afonso Lopes Vieira. Que o poeta desembarque sob uma rabanada de vento, do vento que é «bom bailador» e prelará, assim, a um homenagem, a quem tão bem lhe conhecem e cantou as manhas.

Os professores e os papás

ESTA quadra de exames, trás à superfície uma fauna especial, tipo microbio de aparência chata, que é vulgarmente conhecida pela designação de «maçador que pede empenhos, para um menino que vai fazer exame». Este ano — segundo parece — a fauna apresenta-se florescente e rica de expedientes favoráveis à sua fecundidade e multiplicação.

Um dos casos mais típicos da extrema afabilidade ou extrema frieza (segundo o resultado positivo ou negativo do exame) das relações que se estabelecem entre as famílias e os examinadores é o que se passou com certo papá a quem reprevaram um menino num exame de admissão ao liceu e que se foi queixar a um jornal onde contava com alguns amigos, segurar. Pelo aspecto da queixa, pela réplica do professor attingido, percebe-se logo que o caso se resume a uma boa «raposa» dada muito justamente a um menino cujo papá é assomadoço.

Os exames de admissão aos liceus revestiram aspectos de autêntica brincadeira, pela sua facilidade, pela boa vontade e bom humor dos examinadores, os casualizados professores que são sempre responsáveis de todos os prejuízos gerados pela ignorância dos alunos. A percentagem de reprovações foi diminuta. Mas há sempre quem fale e quem dê ouvidos a palavras que muito raras vezes não são

difadas pela exaltação filha dum desgosto, dum simples despeto ou duma vulgar fúria de amor próprio...

Bernard Shaw e a mulher bonita

ENTRE as centenas de cartas que destonhecidas admiradoras constantemente lhe enviam, Bernard Shaw encontrou uma, subscrita por uma americana rica, jovem e formosíssima, propondo-lhe casamento. A autora da carta dizia ao autor de «Santa Joana» que o seu enlace devia ser auspicioso e, para vêr se o entusiasmo nava, escrevia: «Calcule o que seria um filho nosso, um filho duma das mais lindas mulheres que tem existido e dum dos maiores génios literários de toda a Humanidade!»

Bernard Shaw, contrariando os seus hábitos, respondeu, declinando a proposta, com estas palavras de ouro: «Imagino o que seria, se o nosso filho se parecesse fisicamente com o pai e intelectualmente com a mãe!»

Um mudo voluntário

EM Kzootkow, Galícia (Hungria), faleceu recentemente um judeu chamado Samuel Frommer que, há trinta anos, e em cumprimento da promessa, não pronunciava uma só palavra. Numa discussão com sua mulher, Samuel Frommer, num momento de exaltação, disse-lhe que «desejava que ela fosse queimada viva». Quis o destino que a pobre senhora, algumas dias depois, morresse num incêndio. Chelo de dor e de remorso por aquela frase solta no calor da discussão, Frommer foi consultar um rabino, que o aconselhou a «nunca mais tornar a servir-se do órgão culpado daquele delito. Samuel seguiu o seu conselho e, durante trinta anos, até morrer, cumpriu a promessa à risca, já mais pronunciando uma única palavra.

A EXPOSIÇÃO DA CASA POBRE

UM estabelecimento comercial de Lisboa — que pelos vistos tem uma direcção inteligente e moderna — acaba de anunciar que vai fazer a «Exposição da Casa Pobre».

E' tão escasso o nosso meio em iniciativas de original e real encanto como esta, que dar-lhe relevo é um dever.

Os proprietários dos Grandes Salões Avenida, — que tais são os inovadores propõem-se organizar um grupo de mobiliário e decorações no qual se resolve o problema da arte no lar pobre, do bom gosto nacionalista no interior do operário, do artista, do intelectual sem grandes recursos financeiros.

Muita gente, estamos certos, lhe agradecerá a ideia, e nós próprios a acompanharemos com carinho.



— O tiozinho ainda cá tem daquela pinga do ano passado!
— Não senhor!
— Cerveja! Então só, vimos cá comer quando estiver toda vendida!



— Tem muitas cadeiras boas?
— Sim senhor! Na primeira fila!
— Refiro-me à solidão, porque com o meu peso...

Estética de maxilares...

P O R V . C H A G A S R O Q U E T T E

N A minha ultima cronica falei-vos do sr. Sousa, fiz a autopsia do sr. Sousa, mas outros e inumeros tipos ha que merecem bem o trabalho de



os estudarmos. Ponhamos, porem, um pouco de metodo nos nossos apontamentos e voltemos ao hotel porque vão sendo horas de mudar de fato para o jantar.

Já vos descrevi o almoço, mas o jantar presta-se a um estudo mais completo porque essa refeição é como que o prologo da noite. Aparecem tolletes mais cuidadas, ha uma maior pretensão, por parte *d'elles e delas*, em mostrar que lá em casa, em Lisboa, no 4.º andar da Avenida Defensores de Chaves, estão habitadissimos a ser servidos por criados de casaca. Os primeiros hospedes que aparecem para o jantar são, por via de regra, os casacos pacatos, pesados, bons garfos, que não gostam de pressas mas que detestam esperar, que procuram defender-se dos sobejos e do excesso de peçoços de galinha em que quasi se resume o guizado servido aos retardatarios. Mal se abrem as portas da sala de jantar, começam avançando os primeiros hospedes a que poderemos chamar as patrulhas de exploração.

A familia tipo, compreende marido e mulher. Ele, 40 a 45 anos, arcaboloço avantajado, testa bastante curta, a ponto de mal se comprehender que naquella soffia das idelas, com tão pouco pé direlto, tenham germinado os planos de um *aproveitador*, vindo de Tomar, ha 10 anos, com toda a bagagem reduzida a um simples sacco de retalhos de chita, e que se dedicou, em colaboração com a fiscalização official, á honrada industria da construcção de predios *desabavels*.

Foi sobre allicerces tão frageis, como os dos predios que elle ajudou a edificar, que aquelle homem conseguiu firmar a sua reputação de honrado capitalista. Hoje desconta nos bancos a 14.º/o e empresta sobre 1.ª hipoteca a 30 com juros adian-

tados e comissão. E' o Sr. Pereira. No dia em que elle restituir a alma ao Criador de todas as coisas (incluindo os agiota) trez columnas de jornal, prenhes de cruzes, anunciarão o luto de 20 sociedades que *cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do nosso querido socio e amigo, do nosso director, do nosso presidente, etc.*

O Sr. Pereira, ao sentar se á meza, põe o guardanapo a tiracolo, á cortador de talho, e entra de pallar os dentes logo a seguir á sopa, que elle, invariavelmente, repete. Quem for bom observador deverá estar atento na altura de lhe servirem o arroz. E' vê-lo então, com a faca e o garfo, no trabalho extenuante e consciencioso de amassar os bagos — tal como ele fazia, em tempos lidos, com a cal e areia — a servir se ainda do garfo para arrumar, na borda do prato — que neste momento lhe lembra o *côche* da argamassa — o bago reduzido a pasta. E aquelle *avilamento* é por tal forma e tão consciencientemente preparado que ao erguer a faca — tal como ele fazia nos seus tempos com a colher de pedreiro — ao meter quatro centímetros da faca na bôca, é como se rebocasse um sifão! Se algumas particulas procuram escorrer lhe dos beiços logo a ponta da faca, dextramente manejada accorre a aproveitar o rebôco extravasado. Na meza do Sr. Pereira vemos a esposa, a Sr.ª D. Maria da Nazareth, mais nova do que o marido e que demonstra, nas atitudes algo correctas, uma certa educação; deve ter sido educada por uma madrinha, viuva de lojista e com rendimentos de fundo externo.

E' ella, D. Maria da Nazareth, quem, disfarçadamente, indica, ao marido Pereira, a faca do peixe, quando elle mostra embaraço na escolha do talher, e percebe-se que a respeitavel senhora mostra uma

certa contrariedade quando o homem teima — ao mudarem-lhe o prato — em conservar o garfo, já servido, para o ataque ao prato seguinte.

Para comer peixe, o Pereira adopta, modestamente, um processo que revela uma grande habilidade e que consiste em encher a bôca, á laia de alto forno, com o maximo de carga, depois do que, por um movimento automatico da lingua, em serviço da mastigação, começam a saltar para o prato as espinhas e outros desperdícios. Este processo garante um *rendimento* equivalente a quatro postas de savel por hora. Nas alturas da sobrezeza, enquanto D. Maria da Nazareth julga de bom tom trincar, com garfo e faca, uma inocente banana, o Sr. Pereira, previamente munido de uma boa laranja proficiente-mente escolhida, faz um calculo mental de meridianos e segmentos donde resulta o poder introduzir entre dentes o gomo com casca, sob a pressão do polegar e do indicador da dextra e logo, por um movimento automatico de sucção, a polpa é absorvida seguindo-se um outro movimento inverso pelo qual a casca salta para o prato com acompanhamento de carochos.



V. CHAGAS ROQUETTE

DR. JOSÉ SOARES DA CUNHA E COSTA

CONTINUAÇÃO DA PAG. 8

file de Paris» e que Maître Henri Robert, antigo «batonnier» da Ordem dos Advogados de Paris proficiou; o elogio do professor Louis Renault, na Associação dos Advogados: e o discurso lindissimo sobre «As Pedras da Batalha» pronunciado na casa dos drs. Alfredo Artur de Carvalho e Artur Euler de Carvalho, são documentos que ficam.

Da primeira escreveu Maître Henri Robert:

«Un grand avocat, un grand orateur, un grand ami de la France. Voici, en peu de mots, le portrait exact et ressemblant de José Soares da Cunha e Costa.»

A ultima vez que Cunha e Costa falou em publico foi na festa de homenagem a Augusto de Melo, promovida pelo «Diario de Noticias».



— A morte de meu marido affligiu-me tanto que caí com o irmão dele.

— Ah!

— E assim, hoje apenas choro a morte de meu cunhado!

RESSURGIR

ROMANCE POR ASSIS ESPERANÇA
GRANDE INTERESSE!
A V E N D A !



A CELEBRE BAILARINA ANA PAVLOWA, COM O SEU MAESTRO QUANDO DE PASSAGEM POR LISBOA, NO PASSADO DOMINGO, A BORDO DO «ALCANTARA».—(Cliché Serra Ribeiro).—UM GRUPO DE SENHORAS QUE TOMARAM PARTE NO CHÁ ELEGANTE QUE TEVE LOGAR NA SALA DO RISCO DO ARSENAL DE MARINHA.—(Cliché Evaristo Cunha)



AS RESERVAS DE OXIGENIO COMPRIMIDO DESTINADAS À RENOVAÇÃO DO AR NUM BANCO DA AMERICA DO NORTE.—ASPECTO DA EXPOSIÇÃO DE LAVORES NO LICEU MARIA AMALIA.—(Cliché Evaristo Cunha.)



DOIS DETALHES COLHIDOS NA INAUGURAÇÃO DO INSTITUTO DE CULTURA LUZO-ITALIANO.—(Clichés Serra Ribeiro)

A BORDO DO "NYASSA" REALISOU-SE UM ALMOÇO DE HOMENAGEM AO ALMIRANTE ERNESTO DE VASCONCELOS, SECRETARIO PERPETUO DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA. — (Cliché Serra Ribeiro)

O ESQUELETO DUM GIGANTE COM A ALTURA DE 2^m,40 AO LADO DO DE UM ANÃO DE 40 CM. (DA COLECCÃO DE UM MEDICO INGLEZ FALECIDO HA 200 ANOS)



UMA METRALHADORA, FAZENDO FOGO REAL DURANTE OS EXERCÍCIOS DE CAÇADORES 5 EM MAFRA. — (Cliché alferes Hoffmann.)



À ESQUERDA: UMA FASE DA FINAL DO CAMPEONATO DE PORTUGAL GANHADO PELO CARCANELINHOS. À DIREITA: A NOSSA GRAVURA Foca o momento, em que o KEAPER DO CARCANELINHOS E JOSÉ MANUEL SE ENVOLVERAM EM DESORDEM... (Clichés Matelo, da Agencia Fotografica.)



Quem tiver filhos no mundo...

P O R F E L I C I A N O S A N T O S

COMEÇA esta crónica no tom lamuriento do fado, mas não se conclua do facto que eu me disponho a cantar qualquer desgraça nacional ou doméstica, seja o desastre de Alcacer Kibir ou a «demifelicidade» resvaladica daquelas senhoras que «por um beijo se perderam», como também se diz na cantiga.

Se aqui chamo a atenção de «quem tiver filhos no mundo» é para que não ria dos desgraçados, a quem um destino implacável impôs a dura condição de escrever para o Teatro, em Portugal.

Esses infelizes também nasceram gordinhos e «côr de rosa», tiveram o cabelo louro e encaracolado, cresceram sob o olhar caridoso dos seus ascendentes e colaterais e só verdadeiramente começaram a trilhar a senda da desgraça, quando conseguiram vêr em scena uma obra sua.

Se aqui venho levantar levemente a ponta do véu, que encobre as toituras dum autor, é para que tu, leitor amigo, que no teatro és o espectador inimigo, o tirano exigente, que por treze escudos adquires a bilheteira um «fauteuil» e o direito de ser implacável, sintas subir do fundo de bondade, que existe em todo o homem por mais espectador que ele seja, um fumosinho de remorso e á hora placida do teu exame de consciencia dignas, para os almares do teu pilão, contritamente esta frase consoladora: «Pobres rapazes!»

Supõe que a obra sobre que recai o furor da tua apreciação de espectador, cuja digestão não está correndo normal, é uma revista, o genero preferido para dizer mal, porque se presta a cortar á larga na encenação, na montagem, no guarda roupa, na musica, no scenario, na peça, nas coplas e na representação. Com oito dias de antecedencia tu fazes marcar o teu lugar, começando a gozar desde logo aquella raivassinha que se exterioriza pela frase classica: «Ora vamos lá á vêr aquela porcaria!»

Na noite da «première», porque sempre é uma festa ir ao teatro, jantas fora de casa e entras pelos peliscos indigestos. Á hora de te sentares no teu fauteuil de orquestra, no teu estomago dilatado trava-se um dialogo animado e violento entre a «mayonaise» de lagosta e o pudim de flan, metendo-se de permoio, conciliatoriamente, as mãosinhas de carneiro com ervilhas, que para o effeito tem de largar as lulas de caldeirada, que estavam engalfinhadas com os morangos e a salada de alface, e que por sua vez apela para a intervenção do peixe espada á fim de manter a ordem.

E' perante este drama gastrico, de que pancreas e outras glandulas são os emocionados espectadores, que sobre o pano para o prologo da revista. As lulas, grandes amadoras de espectaculos desta natureza, sobem-te pelo esofago, tentando vir cá fora vêr as pernas das coristas e o prologo passa com uma carêta de tua parte, que tanto pode attribuir-se ao mal que te fez a representação, como á azia provocada pela discussão azeda que te vai no estomago.

A pre disposição de que vais assistir a uma borracheira agrava-se com este estado intimo de coisas.

O figado começa a intervir em defesa do seu relzinho estomago e então não ha scenarios que te deslumbrem, musica que te enteneça ou anime, graça ou dito de espirito, que te tire da pesada sonolencia em que te mergulhou uma digestão laboriosa. Só sacodes o teu torpor para arrastar os pés ou bater no sobrado com a bengala, quando uma mutação dura mais um segundo do que a tua expectativa o permitia.

Lá dentro, os autores, colados aos reguladores da scena, escutam ancilosos os



rumores da platea, pejada de tiranos a treze escudos por cabeça. As «pladas» em que se punha maior esperanza passam na má ficção dos artistas, que a commoção torna gagos. Outras impõem-se e provocam o riso, logo abafado o «schlus» furiosos de pessoas que tem interesse em que a peça não agrade.

Porque ha que contar também e principalmente com esses elementos que cooperam com a tua indigestão para o mau decorrer duma primeira representação dum original. Habilmente espalhados pela sala estão os amigos daquele amigo que tem uma «pequena» que é de teatro e que a empresa não contrata e no «promenoi» ha sempre uma melada duzia duns certos mancebos de face esverdeada que frequentam o Café Italia, tem cinco revistas escritas e nenhuma representada e que sofrem atrozmente de tanta produção teatral recolhida.

No final dos actos, os amigos do amigo da «pequena» de teatro juntam-se aos mancebos de face esverdeada para «patear». (Não fui eu quem inventou o termo, que vem de «pata» e não de pé). Dois meses de trabalho árduo, trinta ou quarenta contos gastos, o piãozinho de cem pessoas, que vivem do funcionamento do

teatro, não se impõem á consideração das lulas irritadas, que a essa hora boxelam, no teu estomago, com as mãosinhas de carneiro, nem ao despeito das que apolam o tal sujeito que não conseguiu empregar a «pequena» nem aos biliosos autores inéditos do Café Italia.

Mas tudo têm uma compensação neste mundo e a noite da «première» passa com os seus furores e suas indigestões, para dar lugar ás calmas, repousadas representações em que o público é constituído por espectadores, que vão ao teatro para se divertir, sem preocupações de julgadores e sem digestões perturbadas, que não têm amantes para colocar, nem peças cheias de talento, fechadas numa gaveta, que desconhecem os nomes dos autores e ignoram mesmo quem são alguns artistas. E então a peça parece outra, os artistas diferentes e até os focos electricos dão mais luz.

Apezar disto, leitor amigo, se tiveres filhos no mundo, lembra-te que algum deles pôde ter sido fadado para escrever peças para o teatro e não te rias dos desgraçados a quem a sorte marcou com o selo indelevel de «revisteiros». Se puderes, evita, á cautela, que os teus filhos aprendam a lêr e escrever, até que um futuro regulamento dos teatros obrigue as empresas a fornecer bicornato ou meia garrafinha de Vidago aos espectadores que constituem o júri das «premières», acabe com os autores amadores e com os cavalheiros que, tendo «raparigas» teatrelas, ameaçam as empresas de lhes patear as peças se não lhes empregarem os «pingentes» com o minimo duns contos e quinhentos de ordenado em que eles muitas vezes levam percentagem.

FELICIANO SANTOS.

Ilda Stichini reaparece num palco de Lisboa

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 8)

artista nova, que, sendo idolo de todos os portugueses que apreciam o bom teatro, deve ser principalmente querida e apreciada pelos novos. A êste, sobretudo, compete erguê-la bem alto sobre as palmas das mãos, sobre as palmas de aplauso, na hora indecisa em que a morte parece espreitar a agonía do nosso teatro; a êste sobretudo, compete olhá-la com devoção e amor.

E' preciso que Ilda Stichini veja a seu lado, a aplaudida, formando-se a sua bandeira de bom combate, tomando partido por ela, não só todos quantos ainda se atrevem a dizer que «preferem teatro» (e recusado será dizer a que preferem...) como sobretudo os que «não preferem», mas devem ter a consciencia de como estão errados, como são pouco inteligentes e leais certas attitudes de desdém. Não está certo que, durante noites a fio, corram a exultar-se perante o adorável sorriso inocente duma Janet Gaynor, a «ingénua» asombrosa da «Flora Suprema» e não corram, uma só noite, a aplaudir a voz não menos adorável de outra «ingénua» que representou o «Centenário» visão de alvorca e de pureza — da actriz que nesta outra «hora suprema» do nosso teatro tem oferecido tão heroica resistencia ao espirito de cabotinismo e de derrotismo.

Para o seu reaparecimento no Teatro do Gimásio, Ilda escolheu a peça «O Ouro», de Alfredo Cortez, já aplaudida com entusiasmo, no Porto. Nela se debate um problema social e religioso do maior interesse. No dizer da sua principal intérprete, toda a peça é um verdadeiro «hino á maternidade». O desempenho é duma impeccável harmonia, sobressaindo o trabalho de Ilda, simplesmente magistral em nada inferior aos que mais contribuíram para o seu alto renome.

T. L. B.

crónica musical

FRANCINE BENOIT cujas críticas musicais no «Diário de Lisboa» são lidas com interesse, pela grande modicidade que nelas transpira e pelo acerto com que são, em geral, tratadas, realizou o seu terceiro concerto educativo no Conservatório.

O programa, muito interessante, indicava na sua abertura 40 minutos de palestra sobre «A arte musical comparada com as outras artes, o seu passado, o seu futuro, o seu alcance».

Mademoiselle Benoit, com um «santíssimo», bastante simpático, explanava os seus pontos de vista e justificou a legenda da sua palestra. Talvez tivesse excedido os quarenta minutos prometidos, mas se assim foi ainda pouco nos pareceu o tempo, tão preciosos estivemos das suas opiniões, tão agradados da simplicidade com que expôs. A seguir, a conferencista torna-se executante para interpretar Debussy, o estranho impressionista, esse musico cujas frases, cujos poemas, são aguarelas delicadas. A executante explica cada uma das legendas que são «Ce qu'a vu le vent d'Ouest», «La puerta del Viento», «La cathédrale engloutie», «La sérénade interrompue» e «Feux d'artifice». Cabe a vez de falar na pianista Francine Benoit. Sentiu-se imediatamente o que toca, mas particularizou-se na intenção dada à «La sérénade interrompue».

O concerto restavam os nomes de canto de Arminda Correia e o violinista João Passos. Arminda Correia é uma cantora de emção fácil e com um timbre de voz insinuante, sem pastosidades. Brilhou no recitativo e ária de Melina, da ópera «Amazilia» de Handel e teria feito muito boa figura também na apoteose da Isolda, da ópera de Wagner «Tristão» e Isolda se tivesse sido acompanhada por orquestra. Perdê-nos Francine Benoit, mas não a absolvemos nunca de ter laciado este trecho wagneriano, desta forma, sem os nuances orquestrais que o tornam inconfundível. A própria palavra «apoteose» devia ter-lhe dado a indicação. Em fim do concerto João Passos executou no violino uma sonata de Franck muito curta pelo concertista no allegro.

Sétimo e último concerto desta época da Sociedade Nacional de Musica de Camara. Propositamente entro em capítulo de algarismos para salientar a actividade desta agremiação artística. Até hoje realizaram-se sessenta e quatro concertos. Não foi das menos escolhidas esta audição em que o professor João Passos em solo de violoncelo interpreta a «suite» em sol de Bartók. Esta «suite» é uma das composições de João Sebastião de menos colorido emocional. O musico escreveu demasiado tecnicamente para que a primeira audição o compreenda o chamado «grande publico». A execução do violinista foi birta, pouco tonificada de colorido. João Passos exagerou talvez a sua contextura dum classicismo seco, mal humorado. Bach tem destes parentesis sobrios na sua inspiração de grande compositor. A sua obra nunca ascende a devaneios de lirismo requintado; palra à altura da composição rítmica sem assomos de banalidades garbadas.

A sonata em sol menor de Schumann foi outro numero do programa. Tocou a ao plano Mademoiselle Cristina Lima. A sonata é vassada nos moldes de simplismo musical que Schumann tão bem usou e cuja intensidade de perfeição chega a tomar aspectos admiráveis. D. Cristina Lima desceu com elegancia essa simplicidade, muito especialmente no «andantino».

A terceira e quarta partes do programa pertenceram a D. Hortense Fontana (canto) e D. Branca Bilo de Carvalho (piano). A sonata é vassada nos moldes de simplismo musical que Schumann tão bem usou e cuja intensidade de perfeição chega a tomar aspectos admiráveis. D. Cristina Lima desceu com elegancia essa simplicidade, muito especialmente no «andantino».

NOGUEIRA DE BRITO

CURIOSIDADES

O voo sem motor

NOS centros aeronauticos de Londres não se fala doutra coisa senão das afirmações feitas pelo antigo avião russo, o piloto Victor Dibosky, o qual afirma ter resolvido o problema do voo humano, ou seja, do voo efectuado só com o auxilio da força muscular do homem e sem ajuda de qualquer motor. O capitão Dibosky calcula que o seu aparelho permitirá ao homem voar independentemente de tudo o que, segundo a actual tecnica do avião, é condição do seu sustento no ar e, principalmente, da velocidade.

Para o projecto do seu, Dibosky serviu-se do resultado das suas observações sobre o voo e sobre a anatomia do albatroz. O estudo deste pássaro, que tantas vezes chamou a atenção dos construtores de aviões, permitiu descobrir uma «surpresa de depressão», que contribui, segundo parece, para a propulsão, da maneira tão eficaz que a economia de energia assim obtida transforma por completo o problema da aviação. No aparelho de este inventor, o homem voador mantém-se estendido, apresentando ao ar um minimo de resistencia. Governa os órgãos de direcção com as mãos e os do voo propriamente dito com as pernas. O aparelho é de alumínio, com armação tubular de aço. Depois da deslizar sobre um plano inclinado, a machina do «despregar», poderá ser elevada até 1.000 metros de altura por um homem de força média, e alcançar velocidades de 25 a 40 quilómetros por hora. O capitão Dibosky diz ter um quão sólida reputação científica e ninguém o julga capaz de ter feito afirmações menos fundadas.



Avião de luxo

UM rico proprietário do Texas que, há tempos, pôs o seu avião à disposição dum «equipe» que foi procurar vestígios nas costas americanas, do «Olseu Blanc» de Nungesser e Coll, mandou agora preparar um novo aparelho que é do mais apurado luxo. As paredes da cabine são cobertas de ornatos de madeiras preciosas, no chão (aquele chão destinado a andar no ar), há tapetes macios e sumptuosos. O proprietário tem a paixão do «bridge» e por isso, a cabine tem quatro «futeiles» e uma mesa de jogo; tem um frigorifico, para refrescar bebidas, e uma casa de banho que é a última palavra sobre o assunto...



O diamante azul

NOTICIARAM os jornais que o Duque de Newcastle, agora falecido, era o proprietário do célebre diamante azul, também chamado «diamante de Hape». Esse diamante foi trazido de Golconda por um certo Ternier; pertenceu a Madame de Montespan, que teve um triste fim de vida; pertenceu a Maria Antonieta, a princesa de Lamballe, ao sultão Abdul Hamid, que foi destronado, ao mercader turco Habib, que morreu num naufrágio, e ainda a muitas outras pessoas de somenos importância que foram vítimas de muitas desventuras. No mês de Janeiro de 1912, foi vendido, por um milhão e quinhentos mil francos, a um americano, o qual mandou que lho remetesse.



A 10 de Abril, a pedra fatídica embarcou no «Titanic», o gigantesco palácio flutuante que naufragou na altura da Terra Nova. Atribuiu-se a catástrofe à sua presença a bordo. A pedra deve, hoje, jazer no fundo do mar. O diamante do Duque de Newcastle não pode ser o diamante fatídico. E só isso explica que o nobre inglês morresse de morte natural, aos sessenta e quatro anos de idade.

crónica de sport

O meio nautico agita-se de forma desagradável. Já não é a agitação que traduz o entusiasmo do trabalho, da propaganda e da preparação; é a agitação do conflito.

Já temos duas federações de natação e estaremos para ter duas de box e estamos assim como consequência de irreductibilidades e de prejudiciais vaidades. Viu-se agora com a nautica um caso semelhante mas peor.

Também há na nautica conflito de poderes mas o conflito não divide duas federações e nem duas entidades representativas desse núcleo de agremiações. O conflito nautico está travado entre a unica federação que existe, a autentica e reconhecida, a Federação Portuguesa de Vela, e o Club Nautico de Portugal. E maior gravidade assume agora esse conflito, desde que ele gira em volta da nossa representação olimpica.

O Club Nautico, sobrepondo-se às prerrogativas naturais da Federação, constituiu uma equipe olimpica de vela e o Comité Olimpico, acceitou como boa a designação e portanto a inscrição nos Jogos Olimpicos.

Sabido é por toda a gente que os Comités Olimpicos Nacionais são o traço de ligação entre as federações nacionais e o Comité Olimpico Internacional e não entre as simples agremiações e o mesmo C. O. I.

O Comité Olimpico Português fugiu a esta norma básica e sancionou a invasão de poderes praticada pelo Club Nautico de Portugal, pondo de par e a Federação, como se devesse duma nota officiosa que esta fez publicar no «Diário de Notícias» na terça feira última.

Procedendo assim, o C. O. P. teve, por certo, fortes razões. Não se aceita, de outra forma, que os seus dirigentes se afastassem das normas regulares da sua missão. Mas creu-se uma situação muito melindrosa e o desprestígio que se lançou sobre a Federação de Vela é motivo para que as outras federações desportivas receam que lhes suceda o mesmo. E nada mais forte do que um receio para desmoralizar, desanimar e indisciplinar.

Na nossa ultima cronica levantámos um pequeno grito em favor da criação do «foot ball» profissional, claro, nítido e franco. Choveram na nossa banca, como esperavamos, cartas de protesto, algumas com termos e expressões de fraca correção, coisa que também não estranhámos. E' difícil a muita gente discutir sem se ser malcreado.

Partiram agora jogadores do «Sporting» para o Brasil e fala-se de outra tournée aos Açores, exigindo qualquer delas a despesa de algumas semanas. Os nossos jogadores, sendo—como são—amadores, vivem dos seus empregos ou officios e portanto devem lutar com grandes dificuldades para serem dispensados. E por certo, se eles conseguirem licenças, outros só as obterão um «venimento» e outros até, não podendo reprimir o seu ardor desportivo e o amor pelos seus clubes, sugilar-se-ão a perder as suas occupações.

Não é lamentável que um jogador amador de football se prejudique assim na sua vida particular? Não seria, pois, mais logico e mais honroso a existencia do profissionalismo em foot ball?

Na proxima cronica exporemos outras razões da nossa arma de peniar.

Assinal, já ninguém fala em festivais de homenagem ao «conceito» que representou em Amsterdam o «foot-ball» português.

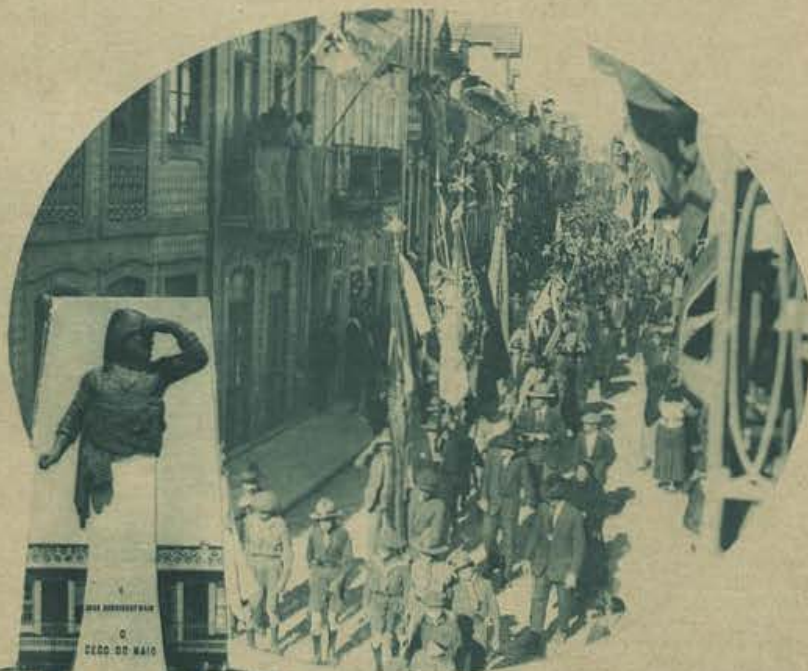
Arrefeceram os entusiasmos e recrudesceram os desprécios...

M. S.

O NOSSO CONCURSO DE PEÇAS EM 1 ACTO

O jurí encarregado de dar o seu parecer e de classificar as peças em um acto apresentadas ao concurso do «Noticias Ilustrado», tem reunido, procedendo minuciosamente à apreciação das peças que devem ser escolhidas e consideradas em merito absoluto. A comissão tem demorado a conclusão dos seus trabalhos em virtude do grande numero de peças. Muito brevemente o jurí se pronunciará definitivamente.

A visita dos jornalistas à Póvoa de Varzim.



O BANQUETE NO CASINO CHINEZ
UM ASPECTO DO CORTEJO
APÓS A VISITA DOS JORNALISTAS À CASA DOS
PESCADORES.

OUTRO DETALHE DO CORTEJO
GRUPO DE JORNALISTAS JUNTO DO MONU-
MENTO DOS POEIROZ, COM A COMISSÃO
DE DEFESA E PROPAGANDA DA POVOA.

(Clíché Ferreira da Cunha)



O Doutor
Voronoff
em
Lisboa



NO ultimo domingo, de passagem para a America do Sul, esteve em Lisboa o sabio Dr. Voronoff. Entrevistado por um dos nossos redactores, teve, para o nosso jornal palavras elogiosas, oferecendo-nos, como prova, o seu retrato com dedicatória, com o

(CONTINUAÇÃO NA PAGINA 18)



Como era em 1925 esta pequenita raquitica e anormal. O aspecto da mesma criança em 1927, dez dias antes da operação—Trez mezes depois da enxertia e quinze apos uma melindrosa operação feita no olho direito—Em 1928, dez mezes passados sobre a operação já se pode verificar o milagre! O aspecto da pequenita é já saudável e forte. O seu olhar firme mostra intelligencia!



JURAMENTO DE BANDEIRA

DOIS ASPECTOS DOS ULTIMOS JURAMENTOS DE BANDEIRA: NO BATALHÃO DE CAÇADORES 7, NO CASTELO, E NA ESCOLA DE MARINHEIROS, NO ALFEITE.—(Clicé: Evaristo Cunha).

Do Amor e da Amizade

SE quizeres conservar um amigo, nunca o tires por tu. A amizade, bem compreendida, é um sentimento de respeito mútuo entre duas pessoas que se estimam. Cada qual tem os seus defeitos e as suas virtudes. Se tens um amigo, admira-lhe as virtudes, mas não lhe toques nos defeitos, porque te arruinas a perdê-lo.

...

Os homens, em geral, não compreendem as mulheres. Eis uma afirmação que pôde constituir o tema dum romance de amor. Na verdade, aquilo que nós pedimos às mulheres é sempre muito pouco comparado com o que elas têm vontade de nos dar.

E é deste mal entendido sentimental que nascem tantas dissoluções e tantas desavenças conjugais.

...

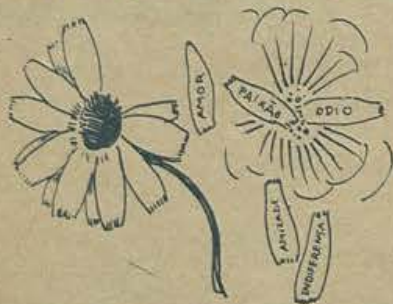
O amante clássico, o tipo de homem sonhado por todas as mulheres, ignora a mulher. Don Juan não foi um amoroso. Se por um lado era sensível à beleza física da mulher, por outro nunca pretendeu compreender-lhe a alma. E a beleza causa, como todas as perfeições. Em amor, só se ama verdadeiramente o que é imperfeito.

...

O «género galante» fez a sua época. As mulheres, hoje em dia, detestam-no cada vez mais. No nosso tempo, não se conquista a mulher com garantias. O «rasão», aquilo que nós podemos chamar a «lâmina Gillette», é odiado entre as mulheres. Com a evolução dos costumes femininos, triunfa o «género tímido».

...

Com a tendência que as mulheres têm para se masculinizarem, coincide em certos homens uma tendência natural para se afeminarem. Cuidado com



elas, porque são perigosas! Começam por ser inofensivos e acabam quasi sempre por ser —es'up'—dos.

...

A maneira clássica de desfolhar um malmequer, prefiro estar «Paixão... Amor... Amizade... Indiferença... Ódio...» Os extremos tocam-se. Cautela com os extremos!

NORBERTO LOPES

O DR. VORONOFF E OS SEUS RETRATOS P O R J O S É S A R M E N T O

A campanha levantada em Inglaterra pelas damas beatas e concomitantes acesos contra o Dr. Voronoff não é, da boa verdade, apenas um lado fletido da vida. Atinge um grau que é preciso estudar, meditar e procurar destruir: o retrocesso às idades antigas em que uma inovação na sciencia era excomulgada como sortilégio mau. A Igreja, onde o bom Deus tem o seu lugar, que é muito seu, lugar abençoado onde Ele domina, deixar de ser o retiro augusto e solene onde as almas se iam refugiar para encontrar um consólio. E,



agora, um palanque donde se despedem os males ferozes exorcismos. Gente que não tem oido nem benefício, agropa-se em volta de energúmenos sem pudor a pretender abrir, com os seus anatemas que, felizmente, não fazem mal a ninguém, os alcerces de uma sciencia nova.

Voronoff, com a sua descoberta do prolongamento da vida pelas glandulas do macaco —e, recentemente, com a promessa de crear génios pelos seus processos de cientista, ofende a obra de Deus todo poderoso. E', evidentemente, uma

investida de sacrilégio que não tem assistencia e a se deve dar o valor de uma incuria disparatada nos domínios do saber humano; mas é, também, uma amostra dos tempos de hoje, em que se vê calando, rolando, inconscientemente, no fatalismo do padre boçal ou do padre esperto que deseja captar ovelhas para o aprisco.

O sábio das glandulas de macaco não me interessa senão pela parte que ele toma na constelação das cerebrações ultra superiores. O que me interessa, sim, o que nos deve interessar a todos é, o método que se está adoptando para aniquilar a sua obra. Estamos, inegavelmente, em face de um problema grave, um problema social —mas de que científico — em que vemos a mão de garra aduncas estender-se sobre nós a procurar tapar-nos os olhos. Isto viu-se nos tempos remotos, recuados; já não é possível em nossos dias. Há, no entanto, espiritos propensos à adaptação fácil que se deixam influir pelas ideias caducas e tomam como de boa lei as palavras friccionadas que certas vozes atiravam para os céus.

E' indispensável que todos se precavêbam contra a grande maré que sobe, tentando subvertir almas e consciências. Os sábios que digam de sua justiça, averiguado até onde vai a sabedoria do colega, mas aqueles que não pensam senão em alisar para cima de nós com os castigos de Deus —como se Deus não fosse tão misericordioso e tão bom que até lhes perdoe as baboelas — qui não venham desfiar a credulidade ignorante das turbas com palavras óas, vazias de sentido.

Voronoff só deve ter um inimigo real, verdadeiro, fulgural: o macaco. Esse é que tem o direito e o dever de protestar porque o nosso processo de rejuvenescimento é atentatório da sua vida e, porque não dizer o, da sua dignidade de animal quasi semelhantes ao homem.

JOSÉ SARMENTO

Uma novela á «sensation!»

Central 4 0 0 2 !

UMA TELEFONISTA OUVIU, DURANTE A NOITE, NA ESTAÇÃO TELEFONICA, UMA CONVERSA TERRIVEL. O PROBLEMA, INSTANTE E TRAGICO, É LHE POSTO COM TERRIVEL BRUTALIDADE. DEVE ELA DENUNCIAR O CRIME QUE OUVIU: FALTANDO AOS SEUS REGULAMENTOS PROFISSIONAIS E ARRISCANDO O SEU LUGAR?

Eis o assunto da nossa proxima novela

O DR. VORONOFF

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 17)

qual ilustramos esta página. Acompanha o sábio o nosso compatriota Sr. Dr. Alberto Madrueira que nos cedeu as fotografias de uma pequenita, por este operada pelo processo Voronoff. Acerca dessa operação e do método Voronoff, o Sr. Dr. Madrueira deu-nos as seguintes notas:

«Não queio, por mais de uma vez o tenho dito, fazer a apresentação dos meus casos operados, fóra dos meos restrictamente scientificos, ap. nas e com autorisação da familia, posso faciliar essas fotografias que marcam as seguintes épaps:

2 anos antes da operação

10 dias antes da operação

3 meses e 10 meses depois de operada.

Aproveito a oportunidade pa a declarar que mantendo inalteravel a minha resolução de só falar das minhas operações em colectividades scientificas, não tenho a menor responsabilidade na série de hypoteses fantasias que tem circulado sobre este caso. Conservei me estranho e superior a todas as communicações jornalisticas ou campinhas de mesa de café e continuo trabalhando sossegadamente sem reclame nem espalhafatos.

Os que hoje me atacam acabarão por confessar a sua ignorancia.

Esperemos pelo tempo! Ele se eucarregará de juntar em redor do meu esforço os nossos homens de estudo.

O' BEBÉ DIZ Á MAMÃ QUE NÃO COMPRE OS NOSSOS
FATINHOS E VESTIDOS SENÃO NA LOJA INFANTIL
1 1 4, R O C I O, 1 1 5—T E L E F O N E N. 4 9 9 1

XADREZ

A correspondência sobre esta secção pode ser dirigida a
Pereira Machado, Oremio Literário, Rua Ivens, n.º 37

N.º 14 - PROBLEMA

P. Sonnenfeld

(1.º prêmio)

Pretas (11)



Brancas, 9

Mate em dois lances

Solução do problema n.º 12

(Niklvet)

1 B-15

Resolven este problema o sr. Marcellus Marques de Barros

CHARADAS

SECÇÃO CHARADÍSTICA SOB A DIRECÇÃO
DE «VISCONDE DA RELVA»

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser en-
drecada a Americo J. L. Coelho, R. D. Pedro V, 18-Lisboa

ANO I—N.º 15 JULHO, 8
2.º TORNEIO 1 9 2 8

Resultados do N.º 11

Produtores

QUADRO DE DISTINÇÃO

N.º 4	RUI SEVERO	7 Votos
-------	------------	---------

N.º 2, de «El Rei»..... 5 Votos
N.º 3, de «Lady N. A.»..... 1 Voto

Decifradores

QUADRO DE HONRA

BRITABRANTES' MU. SEVERO E. FULANO DE TAL, GRANDE ELIAS, MARQUES DE VIGELUMA.
Com 20 decifrações—Totalidade

QUADRO DE MERITO

RENANDOP, 14—DRAGODE, LAURITA, TA- NAGRA, 11—TANROS, 13—VISCONDE DO PRADO, ZÉ TRIPEIRO, 11.

OUTROS DECIFRADORES

Calibri, Pascália, 9—Trempe, 8—Gadurema, 7.

Decifrações

1 Ca-a-ê, 3 Fergas, 3 Noss, 4 DIANA 5 Vill do, 6 Er-
reda, 7 Soldado, 8 Rest, 9 Resarcida, 10 Quito, 11 Picina,
12 Descadreda, 13 Cantabaque, 14 Sepê, 15 Candecoração,
16 Caluarreda, 17 Lavado, 18 Chicha, 19 Antanho, 20 Es-
torlegada.

BICUDAS—N.ºs 5, 6, 11, 13 e 20, respectivamente de «Afri-
pana», «Anelo», «Jefral», «Manan» e «Uli Rafer», com 6
decifrações cada uma.

GENTILEZAS—S. Ferns. decifrou a char. da que «El-Tel-
he decifrou»

Grilhas

A desagradável regularidade com que se está dando o as-
sêo das j. c. o. d. as «grilhas», leva-nos a intertr. este «can-
tinho» a título de permanente.

Pls. as rectificações e rapet. n.ºs se u. l. m. m. m. s. :
Na produção 3, a decifração da segunda parcial tem uma
silaba.

Q. u. n. e. r. e. d. e. l. l. b. r. s. d. e. p. r. o. d. u. ç. ã. o. 1. e. 4. -1.
A charada 15 tem por terminação «ca impostor».
A produção 20 é da autoria de «Xiguts».

Dicionários

Para não fazer, varias p. d. d. as que nos têm aff. l. o. s. e
tambem para conhecimento das novas e libertadores desta
secção, inserimos novamente a lista dos d. i. o. n. á. r. i. o. s. d. e.
vem verificação rigorosamente t. d. a. e. s. t. r. a. l. i. s. t. a. s. d. e. s. t. a.
publicação.

(Cidades da Figueira) a) Novo Dicionário da Língua
Portuguesa (1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª edições) b) Pequeno Dictioná-
rio da Língua Portuguesa.

J. T. da Silva Bentes Dicionário Etimológico, Prosódico
e Ortográfico da Língua Portuguesa.

Augusto M. M. Dicionário da Língua Popular.
Francisco d'Almeida Novo Dicionário Universal Português.

Henrique B. M. Dicionário Ilustrado da Lí-
ngua Portuguesa—b) Dicionário da Língua Inglesa.

Francisco de Almeida e Henrique B. M. Dicionário—
Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa.

Sinão de F. F. Dicionário Enciclopédico Ilustrado da
Língua Portuguesa.

Lista de Seguros—Dicionário Fracês Ilustrado (1.ª e 2.ª
edições).

D. P. Dicionário da Língua Portuguesa
António M. de Sousa Dicionário de Charadistas.

José da Silva Bentes a) Dicionário de Sinónimos da
Língua Portuguesa b) Dicionário de Sinónimos da
Ortografia Romana c) Auxiliar do Charadista.

Chomp d. Dicionário de Mitologia.

CHARADAS EM FRASE

(Ao «Vasco Dias»)

1 Se o homem pratica ociosamente um acto é para não
dar «causa» a que a mulher se julgue atropelada.—1-1.

Lisboa AFRICANO (A. C. P. B.)

2 A senhora não sabe que um f. a. n. a. r. d. o. é sempre um
homem insignificante.—1-2.

Cascais ANELE

3 Qu'um fez escândalo da angústia de cada um, arriscar-se
a que lhe chamem zombador.—2-1.

Lisboa BARÃO DO TACHO

4 Com n. u. n. a. b. a. d. e. a. r. c. b. a. x. a. c. c. e. l. t. a. q. u. e. n. e. s. t. a. i. n. a. r. m. a. d. i. l. h. a. s.—3-1.

Barcarena BRITABRANTES (A. C. P. B.)

(Ritribuído ao insign. confrade e amigo «Soba da Torre»)

5 O melito que hoje em dia exerce o seu de-
reito, não passa—que «ristas» de um impostor. Em tal caso prefira
para mim um curandeiro.—3-1.

Almirim D. GALENO (A. C. P. B.)

(A pedido do «Farla... e com a devida autorização da Basica»)

6 H. i. d. e. c. a. s. t. i. g. a. s. e. v. e. r. a. m. e. n. t. e. o. m. e. u. r. a. p. i. s. !. A. n. d. a. s. f. e. n. f. r. a. q. u. e. s. c. e. e. n. e. s. a. b. o. n. a. r. e. a. t. e. u. m. e. l. h. a. r. t. e. m. p. o. l. h. a. p. a. r. a. e. s. l. a. d. o. s. d. e. L. d. a. P. ó. v. s. e.—1-2.

Porto DRAGODE

(A «Eu» que, como d. e. l. f. a. d. o. r. n. a. d. a. l. h. a. c. a. s. t. a. r. d. d. e. c. i. f. r. a. r. m. e. l. h. a. s. t. a. s.)

7 Inventei uma arma que lança um projectil a milhares
de quilómetros de distância, por onde se vê a minha inteli-
gência, alguns d. e. s. p. r. o. j. e. c. t. i. l. s. t. e. n. f. a. l. t. o. o. p. a. r. c. o. u. r. s. o. d. e. L. i. s. b. o. a. à. C. h. i. n. a. e. m. d. e. s. s. e. g. u. n. d. o. s.—2-1.

Lisboa EL-REI

8 A «andorinha do mar» produz grande barulheira.—3-1.

Lisboa EU ISTO

9 Cai no t. o. d. o. u. n. d. e. e. s. t. a. v. a. a. «armadilha», apesar de me
apolar ao bordo.—3-1.

Lisboa FULANO DE TAL

teixeira
limitada

telefone

c. 1969

manufatura de cha-
peus em feltro e palha
para senhora e criança,
modelos originais,
transformações e tintos
artigos para chapéus.

novidades

139, RUA
AURÉA, 2.º

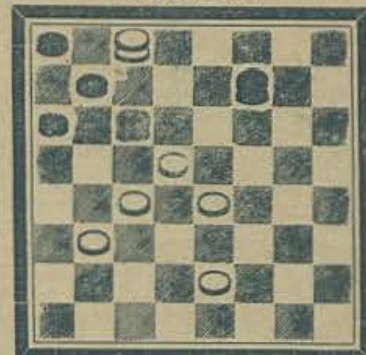
DAMAS

Toda a correspondência referente a esta secção, deve ser
enviada a Artur Pereira Santos, para o «Notícias Ilustrado»,
Rua D. Pedro V, 18

PROBLEMA N.º 16

De Sr. B. Oliveira Aguiar

Pretas 2 D. e 3 P.



Brancas 1 D. e 5 P.

Sem as brancas e ganham.

Solução do problema n.º 13

	Brancas	Pretas
1	23-27	33-23
2	12-26	50-73
3	9-6	10-1
4	13-9	14-5
5	3-12	21-4
6	13-33-21-10-19-28	
	Ganha	

SOLUCIONISTAS

António José de Mira, Artur M. Martins, B. Oliveira
Aguilar, Artur de Lemes, H. Braga, Pedro Dumery, Mario
Domingos Pereira, Carlos A. P. d'Albuquerque, Artur Ro-
mano da Silva.



—Já vejo que gosta muito da sopa! Quer repetir, não é
verdade?

—Pois não! Demais a mais o medico disse para eu be-
ber muita agua quente.

10 Tenho frio, mas só o diga a ti, porque não és rapa-
riga leviana.—2-1.

Lisboa GRANDE ELIAS

11 Foi com a «planta marinha» que se aprovada para
cada da terra» que criou a «casta de uva».—3-1.

Lisboa QUERREIRO E MONTE

12 Se o sef. n.º 1 «vida» é dever, por que audaz
com «tão afectada modestia»?—2-1.

Estoril LAURITA

13 Minha mulher só dá à lingua onde se tenha falado da
vida alheia.—3-1.

Lisboa LVLV & LULU

(Ao Incomensurável «Vasco Dias»)

14 A «privilegio» dos alimentos causa-lhe praga. Eis o
motivo por que lhe dá muito em falso com o «artelo».—1-2.

Barcarena PATO BICAS (A. C. P. B.)

15 A «mulher» do pastor presentiu um seu afilhado
com um «cubito de um ano».—2-1.

S. João da Barra SOBA DA TORRE (A. C. P. B.)

16 Só a «Bata» na China, lá ao longe, é capaz de fazer
parar a marulhada das ondas.—1-1.

Oeiras TREMPE

17 E então o senhor ainda me rouba e bata, apesar de eu
levar a carne travada?—3-1.

Lisboa ULSI RAFER

18 Nem mais é o termo, enfim.—1-2.

Porto ZÉ TRIPEIRO

Manhãs de sol



suspensa, primeiro; mas logo, tocada de magia—essa magia misteriosa—a vida!—dada pelo sol, já consciente, fica engalanada como noiva tufal nimbada de aromas e alegrias!

E' todo um despertar para a vida, para o trabalho. Já longe, na campina tilintam os chocalhos das boiadas, e, pela serra, entre os chaparrais os lebreus dão pulos em urvos de saudação ao dia que acaba de nascer

Nas cidades, também, mal luz a fresta, os operários, os trabalhadores efguem-se para a labuta do pão de cada dia. E princi-



O sol—o grande Helios, o Apolo fulgurante guiando o carro magico da luz, puxado por corceis de fogo—é o riso mais aberto que se espalha sobre a terra, a gargalhada vermelha ecoando pelos montes, na apoteose magnifica da verdade coroadada de luz.

E é vêr, depois da alba, como a paisagem estremunhada fica deslumbrante aos primeiros contactos do sol surgindo por de traz dos cerros. Fica como que

Nesta pagina: Perfeitamente identificado com a sua época, um futuro campeão de foot-ball!...—Goçando as primicias de uma manhã doirada...—A vida ao ar livre, salutar e contente...

Na outra pagina: Em todas as idades as manhãs de sol são balsâmicas; nestes velhotes se sente bem a sua alegria ante a luz derramada sobre a terra...—Até esta pequerrucha ensaia os primeiros passitos debaixo da aureola vivificante de luz na manhã radiosa...—O calor do sol não impede o trabalho: eis um "bambino" em plena actividade...—(Clichés Salazar Diniz.)



piam nos seus estugados passos
dando fisionomia ás ruas

antes caladas e desertas. Mas o sol vai subindo! Então, pelos jardins, nos
largos, vão aparecendo creanças, umas com creadas, outras siônhas, mas
todas alegres e garruladas, lavadas e saudáveis, que veem também tra-
zer a sua homenagem ao sol—essa mão-cheia de luz que Deus, to-
dos os dias, derrama sobre a Terra!

A mágica vara do rei dos astros, o «tão pontual ha tantos
centos de anos...» como disse Gomes Leal, toca
as coisas e as almas e a todos torna diferentes
com a sábia expressão do seu vigor!

Quem não reparou ainda na vida que pa-
rece renascer nos olhos cansados dos velhinhas,
quando, em suas cadeiras de rodas, vão, ba-
nhados pela luz balsâmica do sol, revendo os
tempos antigos, num mixto de saudade pelo
que foi e de alegria por essa inundação de luz
e de calor que lhes empresta a vida que—sen-
tem bem—lhes vai fugindo para a Noite—a
grande noite sem sol!...



O celebre avião
americano
«Cruz do Sul»
que realizou um
vôo de 83 horas
sobre o Oceano
Pacífico—A
maior ponte
suspensa do
Mundo, de Fila-
delfia a New-
Jersey. O seu
peso de 500 mil
toneladas ingle-
sas, está sus-
pensa de cabos
de aço que tem
2m e meio de
diâmetro.



PALAVRAS CRUZADAS

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser enviada a Americo J. L. Coelho—R. D. Pedro

V, 18

LISBOA

Resultados do problema n.º 10

Decifradores

MEN NA XÓ, NÔNÔ, XIGATO.

Solução

HORIZONTALS—1 Deus, secam. 2 Alma, «os», rale. 3 Cea, alfar, l/s 4 to, con, as. 5 Il, ton, óca, ol. 6 Lia, pa, ns, aca. 7 Oca, aspar, psm. 8 Go, al, as, al. 9 Ambos. 10 Aila, las, calm. 11 Famos, sacro, 12 Ozoris, canoas.

VERTICAIS—1 Dactilógrafo. 2 Eteolico, raz. 3 Uma, as, alno. 4 Sa, nt, «acr». 5 Opila, al. 6 Alcmás, ml, 7 Molo, bar. 8 Sanna, os. 9 Caras, as. 10 Er, la, cau. 11 Cal, «ap», caco. 12 Allianças, tra. 13 Mesianismos.

PROBLEMA N.º 14

Enunciado

HORIZONTALS—1 «Quadrúpede de Madagascara». 9 «Cabra de África». 15 «Dormir». 16 Martelo.



17 Guitam. 19 A raia dos cães. 21 Homem incluído. 22 «Armadilha». 24 Espécie de saco grande, chelo ordiariamente de pilha e sobre o qual se costuma estender o colchão. 26 Veva, 27 Simplex. 29 Descontrair-se de. 30 Compõe. 31 «Planta (pl.)». 33 Distavas. 34 Queta. 35 Estive sobranceiro. 36 «Origem» 37 «Filho de Né».

VERTICAIS—2 Porque 3 «Arvore». 4 «Lacre». 5 Doloresco. 6 Rebanho. 7 Navalhas. 8 «Vinho». 9 «medida correspondente a cem braças». 10 Tigelas. 11 Agarrar. 12 Exílio. 13 Carta munda. 14 Bom. 18 Genútila. 19 «Arvore medicinal». 20 Consolação meridional. 21 Regulava. 23 «Nada». 25 «Quadrúpede da China». 28 «Peça do tear». 31 Indivíduo que tem influência social para servir de empenho perante os poderes públicos. 32 «Sur».

são vocês que o dizem...

Mande-nos a sua opinião sobre teatro, cinema, sport, etc. Faça critica! Habitue-se a ter opiniões e a fazer comentarios á vida!

VISPERS DE S. JOÃO

Lisboa diverte-se a seu modo, num divertimento de carácterístico; em ballaricos de palmeiras ou folhas de era, com papellinhos de cores pendurados, duas tancas abeitas, um palanque onde a música se dissolve, em compassos modernos e apropriados, e melodia de pares que rodopiam, com caras estafadas de um passado acanhado, frutos de uma vida sem higiene e semar, em bocas acanhadas e imundos, rapariga de caras esqueléticas, apertando contra os seios ressequidos, os fatos dominguinhos da rapaziada das fabricas, que procuram acertar os compassos inebriantes de um passo dobre cu dum fox.

Quando a noite já vai alla e a dança começa a cançar, todo aquele povo leu se forma em longa fileira, dois a dois, de baões pendurados em paus ou em canas, e ai vão eles marchando, russa fora, cantando com cores esgançados, quadras que poetas baratos inventam, num estibillo sempre igual. Atravessam todas as ruas do bairro, visitando os outros ballaricos, dando duas ou três voltas no cirenlo, a música á frente, numa alegria sempre igual de despreocupados da vida.

De regresso ao seu recinto, depois da visita tradicional ao Mercado, o ballarino recomeça no mesmo tom.

Quando a alvorada se avizinha, reduzido já o número de balladores, com pares aformecidos pelos cantos, chega a refecção matutina e caracteristica: a fava rica.

E' uma nova alegria e a nota final do baile. E depois, depois tudo se vai deitar até altas horas do dia, corpo satisfeito, coração alegre.

LUIZ LOPES

LISBOA

Via Quiloz, 3, 1.º, (Bairro Andrade)

DA SUPERSTIÇÃO...

«Os jornalistas que acompanharam a equipe portuguesa de foot-ball a Amsterdam, dizem ter existido, no Estádio Olímpico, um quid indicador dos nomes das duas nações que disputavam o «match».

Pois, segundo os mesmos jornalistas, todas as nações colocadas no lado esquerdo do quadro, tinham fremente avelante que perder.

Foi o que succedeu a Portugal no encontro com o Egipto. O Destino manteve, caprichosamente, a fidei supersticiosa.

Francisco Vieira, que foi um grande guarda-veste internacionl, a primeira vez que usou uma mascote, trouxe uma bola que antes de tocar a rede destruiu comicamente o mono de pau. E foi o único «goal» marcado durante o encontro!

O Benfica possui como «talismão» um in eresante bebê vestido com a equipe do club.

Há quatro anos, nos jogos Olimpicos de Paris, o «team» italiano eliminou do torneio a «equipe» espanhola por uma bola a zero.

Um «goal» marcado por um defeta espanhol O

«onze» de Espanha era forlissimo mas jogou com muita infelicidade.

Nota curiosa: Zamora, nessa tarde, jogou sem o seu extravagante boneco que melo mundo conhece, a mascote da famoso «goal»-Kesper, a mascote da Espanha!

E quem não se lembra do cavallo branco do Sporting, ao quasi, os fillozados, atibulam os triunfos do actual campeão de Lisboa?

Como os leitores veem em foot-ball, como na vida, há casos curiosos de sugestão!

J. F. RIBEIRO ANTUNES

LISBOA

R. Registo Civil, 36, 2.º Esq

MUSICA

A iniciativa de o «Noticias Ilustrado» veio elevar o já tão alto grau que ele conquistou na consideração dos portugueses.

A música moderna em Portugal está em crise. Autores há muitos e variados, mas de fox-trot, chaletons, tangos, etc. De música clássica há, mas muito poucos. É para maior descalibro, entre estes últimos existem aqueles que fazem óperas à la mince, dando é claro o resultado de saírem em estado comatoso. Têm esses autores competência e alma para criar a ópera portuguesa? Terão? E é mesmo muito possível que tenham, mas não a mostram. Verdi, com certeza senão se ia envergando se descobesse que estava sendo tão brilhantemente elucado pelos maestros portugueses entre os quais se encontram os que se encontram que cujas obras mais mereciam ser guisadas tradicionalmente com batatas, conforme o nome dum dos autores indica: do que serem ouvidas. Muitas há cuja le ra folhetim a martelo dando a impressão exata dum combate de box. Po que se não fazem as coisas mais scientificamente e com tempo?

FERNANDO ERNESTO DE SAMPAIO RIBEIRO

Rua da Correntes, n.º 10

BELEM-LISBOA



«ZENITH»

O unico DE FACTO classificado
PRIMEIRO

Pela SETIMA VEZ consecutivamente, 1921 a 1927, nos concursos de chronometros do Observatorio de Neuchâtel, Suissa.—Pela QUARTA VEZ consecutivamente, 1924 a 1927, nos concursos de chronometros do Observatorio de Kew Teddington, Inglaterra.—A' venda em todas as relojarias e ourivesarias de Portugal continental, insular e colonial.



A melhor novidade
do ano

Lapiseiras com 4 cores as
quais 3 são de copia
indispensavel a todos.
Quereis tomar notas? Preto.
Quereis emendar? Encarnado.
Quereis salientar? Azul.
Quereis assinar? Violeta.

PREÇO ESC. 35\$00

DEPOSITARIO:
BENARD GUEDES, LTD.

RUA DO CRUCIFIXO, 75, 1.º—LISBOA

TELEFONE O. 641



**CASA
PALLISSY
GALVANI**

Guilherme F. Simões, Limitada

Colocações, reparações de campainhas
electricas, telefones, e pára raios.

Luz electrica. Depósito de todos os
aparelhos da sua especialidade.

**Descontos aos revendedores
Preços sem competencia**

13, RUA DE SERPA PINTO. 15—LISBOA

**CARTOMANTE, SO-
MNAMBULA, CHIRO-
MANTE E ESPIRITA**

O poder occulto que possue. A. de Souza está assom-
brando os incredulos, conseguindo bons casamen-
tos, união entre amigos namorados, esposas que
se acham separadas dos maridos, bons negocios e
empregos, etc., tudo consegue: E' esta pessoa até
hoje conhecida com mala poder, e que maior su-
cesso nunca lhe tem alcançado. Dá Mil Espelhos a
quem provar haver pessoas de mala poder; vende
talismans para sorte. Cuidado com os outros anun-
cios, que ha pessoas que a querem imitar, pois é a
única em Portugal que vos pode dar a felicidade.
Enviar 15\$00 para resposta a A. de Souza - R. do
Sol ao Rato, 215, 3.º

ZIG-ZAG



ZIG-ZAG
ZIG-ZAG

**BILHETES
POSTAIS
DE ARTE**

**OCOGRAVURA,
LIMITADA
R. D. PEDRO V, 18
LISBOA**

OS DISCOS DE OPERA

"His Master's Voice"

**SÃO OS UNICOS QUE SATISFA-
ZEM PELA SUPERIORIDADE DOS
SEUS ARTISTAS**



**Fleta, Schipa, Gigli,
Pertile, Anseau, Caru-
so, Hislop, Crabbe, Tita
Ruffo, Chaliapine,**



**Dal Monte, Galli Cursi,
Sheridan, Talley, Jeri-
tza, Giannini, Ljungberg,
Schumann, Gerhardt,
Maartje Offers.**

Grande Bazar do Porto, L.^{da}

150, Rua Augusta, 152

192, Rua de S.^{ta} Catarina, 198

L i s b o a

P o r t o



UM NOTAVEL EXITO DO TEATRO LIGEIRO

O TEATRO MUSICADO TEM, NAS EPOCAS DE VERÃO, O SEU LEGITIMO LOGAR. O ULTIMO SUCESSO APRESENTADO É A REVISTA "MANGERICO" EM SCENA NO EDEN-TEATRO. A PRIMEIRA GRAVURA DESTA PAGINA REPRESENTA O INTERESSANTE NUMERO "CHICKLETS" PELA "DIVETTE" LINA DEMOEL E CORO.— NA GRAVURA ABAIXO, NO APLAUDIDO NUMERO DE ARTISTAS DE CINEMA, VEEM-SE, DA ESQUERDA PARA DIREITA, AS GALANTES LUBELIA STICHINI, SOFIA D'OLIVEIRA, MARIA BENARD, CORINA FREIRE, LINA DEMOEL, BEATRIZ BELMAR, JUDITH MARQUES E VIRGINIA JENNY.—(Clichés Ferreira da Cunha.)